

O título deste artigo faz referência a uma capacidade de nossa inteligência para pensar racionalmente as condutas humanas, quando aborda o cuidado da criação.

A inteligência conhece dois universos muito diferenciados, o universo dos “meios”, coisas ou “objetos”, e o universo das pessoas como seres que são “fins em si mesmos”. Em ambos os mundos a reflexão da inteligência antecede a prática de transformação; a ciência é aplicada pela técnica no caso dos meios; a reflexão antropológica do saber da ética, espera a prática da ética na vida mesma das pessoas. Estas reflexões nos colocam dentro da perspectiva de unir o saber com o agir ético. Nelas tomamos como ponto de referência claramente visível o cuidado da criação, entendida como a totalidade de pessoas e coisas.

### **O mundo dos objetos.**

O desenvolvimento da razão humana para *dominar o mundo dos objetos* tem hoje um progresso ao parecer ilimitado. Porém, a razão humana que estuda as *condutas dos sujeitos* parece estar muito atrasada no que se refere a uma harmonia entre o conhecimento e a prática das condutas humanas.

Os limites da razão da tecnociência que se refere aos “objetos” (ou meios) podem e devem ser fixados desde a razão, que estuda as condutas dos sujeitos na dupla perspectiva, dos direitos e dos deveres de cada ser humano de forma individual e de forma coletiva.

De maneira estranha e preocupante, a razão que governa o conhecimento e a transformação dos objetos parece não ter mais limite que os da *possibilidade* de transformar teorias científicas em realidades tecnológicas. O mundo dos objetos não pode oferecer critérios que ultrapassem a natureza instrumental dos objetos mesmos. Eles não possuem “dignidade” alguma que exija dos seres humanos atitudes de respeito e que demandem limites na instrumentalização como término de uma exigência ética.

Porém, parece ser evidente que uma tecnociência que pudesse levar até a total extinção da vida humana não seria o melhor fruto da inteligência. As guerras não têm mais sentido quando ninguém é vencedor ou vencido.

O “possível” de práticas tecnocientíficas tem como limite a sobrevivência da mesma vida humana; isto é, a vida dos sujeitos que cultivam esse tipo de razão. Se a vida humana não sobrevive às experiências científicas e técnicas, estas carecem totalmente de sentido.

Se a história humana mostra que as guerras dividiram a humanidade em vencedores e vencidos então a coexistência dos dois tipos de sobrevivência é uma triste evidência de que a humanidade não conseguiu conquistar uma igualitária sobrevivência. A tentação sedutora de

resolver os problemas da humanidade com o argumento do poder bélico continua mostrando a distância que deve ser percorrida para se chegar a um mundo de convivência razoável. O poder, por si mesmo, não garante a verdade nem a justiça nas buscas de soluções. Também mentes irracionais podem chegar a ter poder bélico e dispor deste poder para dominar injustamente os outros.

### **O mundo dos sujeitos.**

É preciso equilibrar o progresso humano no campo técnico científico com o progresso da razão ética que orienta as condutas dos sujeitos que têm a responsabilidade do “cuidado” da criação.

Nossa história contemporânea mostra que a sobrevivência dos vencedores está vinculada ao progresso tecnológico e ao controle das riquezas do universo, em favor da minoria de vencedores, com fatais consequências para a maioria dos vencidos. Para esta minoria vitoriosa, a maioria da humanidade vencida perdeu a dignidade do humano para converter-se em “objetos” que podem beneficiar e aumentar mais a riqueza dos vencedores. A razão humana está fortemente ferida quando faz dos vencidos os “objetos” em função da utilidade dos sujeitos que controlam a história desde seu saber, seu ter e seu poder.

As relações entre os seres humanos sejam eles vencedores ou vencidos, está referida a outra dimensão, que aqui consideramos como a “criação”, que só pode alcançar sentido humano pelo modo de usar os recursos da natureza. O “cuidado” da criação, e não simplesmente o “domínio” sobre ela, pode ter um papel humanizador, quando coloca em evidência que o todo da criação não pode dar certo sem o todo da humanidade. Ricos e pobres, brancos e negros, todos saborearemos da natureza bem cuidada ou sofreremos as piores consequências de uma natureza descuidada e abandonada.

Não podemos infringir as leis da natureza sem provocar catástrofes; acreditamos poder infringir as leis da ética porque não percebemos as catástrofes na própria humanidade. Desconsiderar as leis da natureza revela-se a curto ou longo prazo como nefasto para todos em nosso mundo globalizado.

Desconsiderar ou subestimar as leis da ética pode favorecer a uns em prejuízo de outros, que resulta na dicotomia dos vencedores e dos vencidos como já fizemos referência.

As leis da ética, manifestadas nos preceitos da moralidade, têm um elemento fundamental. Não se baseiam na necessidade entre causa e efeito, mas na **liberdade** como privilégio do ser humano. A liberdade é a capacidade de escolher entre o bem e o mal. A humanidade não pode sobreviver quando o bem dos vencedores requer o mal dos vencidos. As catástrofes da natureza são um bom exemplo deste fato fundamental.

A humanidade tem uma dupla responsabilidade: na esfera dos objetos ou meios, a técnica deve aceitar o controle e os limites do uso da natureza, porque as causas conduzem

necessariamente aos efeitos. Na esfera dos **sujeitos** ou ‘fins em si mesmos’, a ética demanda o equilíbrio entre as exigências dos preceitos morais e a liberdade dos sujeitos. A obrigação moral e a liberdade das pessoas formam um universo equilibrado, quando a liberdade escolhe o bem universal e a obrigação fundamenta a universalidade no exercício da liberdade de todos os seres humanos. É imoral que os vencedores tenham liberdade para escolher o “bem deles” que significa o “mal para os vencidos”.

### **O cuidado da criação como responsabilidade dos sujeitos.**

A palavra “cuidado” como tarefa, refere-se à criação, ao universo na sua totalidade. Supera o sentido designado pela palavra “dominar” que pode ter um sentido de caráter despótico e até irracional. Em inglês se designa com a palavra “**care**” traduzida em português como “**cuidado**” como relação humana diante da natureza. A mudança de sentido destaca a racionalidade de intervenção sobre a natureza, o respeito da mesma que evita o uso arbitrário dos recursos naturais.

A moderna tecnologia da comunicação coloca os fenômenos da natureza e os fatos da história ao alcance da humanidade inteira em tempo real. Tragédias e catástrofes, como o tufão Haiyannas Filipinas, ou enchentes em alguns países europeus, asiáticos ou americanos, localizados em alguns pontos do universo são conhecidas por toda a humanidade. Podem desencadear a solidariedade ou a indiferença mundial diante das tragédias da humanidade sem distinção de culturas, línguas, religiões e tradições culturais. Os fatos interpelam a humanidade global e revelam o nível de consciência global.

Se a ciência da natureza convida à sua transformação pela técnica, com evidentes resultados, as ciências do humano convidam também a aplicar os novos conhecimentos à vida das pessoas. Mas, no caso da vida humana encontramos um novo fator, que não tem analogia com as vitórias sobre a natureza: o elemento da liberdade.

As leis do conhecimento científico exigem a vinculação necessária entre causas e efeitos. A responsabilidade ética diante destes conhecimentos exige evitar a *provocação* de iniciar uma causa que vai obter como resultado efeitos catastróficos incontroláveis. No mundo da natureza, as causas provocam efeitos de forma necessária, e só pelo controle racional dos efeitos podem encaminhar-se as forças de uma causa de grande potência.

No caso das condutas livres dos seres humanos encontramos um elemento que só por analogia podemos classificar como “lei” da natureza, porque entre os imperativos morais e sua prática sempre se pressupõe a liberdade perante o bem ou o mal.

### **A ética convida a unir a teoria com a prática.**

A finalidade da ética ultrapassa o campo puramente cognitivo dos fatos vinculados por causas e efeitos, porque aponta para práticas livres *reais*, onde o conhecimento se une com a ação como decisão da liberdade do sujeito. O conhecimento da ética acaba na sua práxis de respeito pelas pessoas “por si mesmas”, mas somente enquanto provocam convicções que o ser humano leva à prática por estar convencido. Por esta expressão nos referiremos às pessoas na sua realidade, e não a meros conceitos abstratos sobre a humanidade individual ou coletiva que se possa desejar teoricamente.

O cuidado da criação pode ser um ponto de referência onde a ciência teórica e a técnica prática se une no horizonte dos meios ou coisas, mas também onde o conhecimento teórico e a práxis ética se encontram no serviço à pessoa humana em sua individualidade e coletividade, diante do uso da criação como tarefa de indivíduos e sociedades.

O cuidado da natureza é uma exigência, quando os seres humanos transformam as relações espontâneas e naturais, que nos vincularam com a sensibilidade ecológica que nos rodeia desde muitos séculos. Hoje, nossa relação com a natureza tem se modificado radicalmente. Diante da natureza, devemos distinguir *responsabilidades individuais de responsabilidades coletivas*.

### **Responsabilidades dos sujeitos individuais.**

Por responsabilidades individuais nos referimos às práticas da vida quotidiana que devem nascer de um conhecimento mais adequado entre causas e efeitos, como:

a) uso responsável da água. Os cientistas estão chamando atenção sobre o problema da água, até o ponto de que alguns formulam a hipótese de que a escassez de água poderá se tornar a causa de futuras guerras entre nações. Isto é: falam da absoluta incapacidade para chegar a um mundo humano e igualitário, e aceitam que as respostas últimas só podem ser as das guerras, que na realidade são respostas penúltimas porque a última é a extinção total da humanidade.

Na atualidade, somos conscientes das referências das regiões desérticas que se multiplicam. No Brasil, polêmicas de ordem técnica e política têm relação com a água como a transposição do rio São Francisco e outras situações;

b) colaboração com as normas sanitárias do recolhimento do lixo. Os países que vêm transformando o lixo em reciclagem de materiais têm encontrado uma solução parcial, mas se requer o trabalho prévio das pessoas em separar papel, metais, vidros, resíduos na natureza. Todas estas tarefas devem ser assumidas pelos consumidores antes da coleta do lixo, o que supõe mudar nossos próprios costumes;

c) substituição dos envelopes e bolsas de plástico por outros de papel é uma prática que cada vez mais se vai impondo em alguns países mais adiantados na consciência do problema ecológico.

Estes exemplos supõem hábitos das pessoas individuais, mas exigem também a conexão com responsabilidades coletivas. Se só uns poucos aceitam as exigências éticas, os efeitos esperados serão praticamente nulos.

### **Responsabilidades coletivas.**

Referem-se, sobretudo a responsabilidade coletiva na planificação das cidades modernas que devem ser exigentes com relação ao respeito das condições ecológicas, como:

a) equilíbrio entre os edifícios e os espaços verdes intermediários nas cidades, oferecendo a oportunidade de ter ar puro ou limpo em contextos urbanos;

b) controle sobre o destino dos produtos nocivos industriais, alguns de muito prolongado processo de destruição.

Para além das práticas individuais e coletivas de cuidado ecológico, devemos procurar os fundamentos antropológicos dessas práticas ecológicas. Trata-se não somente de relações com o mundo dos meios ou coisas, mas sobretudo das relações das pessoas consigo mesmas e entre si.

Uma rápida revisão da História da ética pode iluminar nossa reflexão. No horizonte de nossa civilização ocidental, a ética desde seus inícios na cultura grega, raiz de nossa tradição, foi consciente do problema humano na procura da felicidade pela prática do bem, fundamentada na repetição dos atos e hábitos até configurar o perfil ético de cada pessoa. Sócrates, Platão, Aristóteles, foram mestres da ética eudemônica na procura da felicidade.<sup>1</sup> A ética vive na Idade Média, através das influências platônicas em Agostinho de Hipona e as aristotélicas de Tomás de Aquino, recebendo uma iluminação teológica.

Descartes inicia uma mudança radical de perspectiva a partir de sua dúvida metódica, que é desenvolvida na mudança da ética pela centralidade da subjetividade em relação com as realidades “objetivas”. Kant oferece a perspectiva do “imperativo categórico” como exercício da razão que, por si mesma, chega a uma exigência de caráter absoluto. Os novos horizontes não foram aceitos pela igreja que considerava a ética kantiana como arbitrária e “subjetivista”. Tivemos que esperar os estudos de Karol Wojtyła sobre a pessoa e seus atos, para chegar a uma clara consciência não do “subjetivismo” kantiano, mas da sua ênfase na “subjetividade” que pode ser entendida desde a perspectiva tomista da fidelidade à própria consciência, mesmo em caso de erro invencível não culpável.

Wojtyła chega a uma razoável aceitação do pensamento kantiano acusada tradicionalmente pela igreja como “subjetivismo”. Com efeito, em um livro anterior **Amor e responsabilidade**, que antecede alguns anos sua obra principal **Pessoa e ação** faz a

---

<sup>1</sup>REALE Giovanni; ANTISERI, Dario: *Historia da filosofia*, São Paulo, Paulus, 1990; vol. I, pag 203-209; 424-459; 552-570.

surpreendente afirmação de que “ninguém, nem Deus pode usar uma pessoa” como mero instrumento para fins alheios ao sujeito.

Esta sua afirmação se explica lembrando que se Deus deu à inteligência humana a capacidade do discernimento entre bem e o mal, a pessoa humana deve encontrar por si mesma o caminho razoável para sua ação; tese assumida por Karol Wojtyła, professor de Ética na Universidade de Cracóvia. Daí a surpreendente afirmação de que “ninguém, nem Deus pode fazer uso do ser humano como mero instrumento”,<sup>2</sup> para fins alheios à consciência da pessoa como sujeito. Sabendo que o bispo Karol Wojtyła participou do Concílio e foi relator do documento *Gaudium et Spes*, não é errado ver a sua colaboração na redação de GS 24.<sup>3</sup>

Finalmente, nos tempos atuais, a ética do discurso afirma que para uma cultura da colaboração na investigação científica, postula-se a relação da linguagem com a verdade como condição do progresso da humanidade. A ética da linguagem perde seu sentido se a palavra não é veraz. A complexidade dos conhecimentos científicos é tão grande, que o sujeito do progresso científico já não é o indivíduo isolado, mas a comunidade linguística dos cientistas e, portanto a total transparência para o progresso da mesma ciência.

Estas reflexões são colocadas para a comunidade universitária, que tem como característica marcante do ensino da ética, pertencer a uma universidade destacada como católica. E, que tem como atitude fundamental, o agradecer os dons da natureza que nos foram dados pelo Criador. A ética se insere desta maneira e se fundamenta na experiência religiosa que nos abre ao ser Divino.

No cristianismo, esta relação com o Criador é apresentada por Jesus como uma relação filial de cada ser humano individual que deve levar a um modo fraternal de relação com os seus semelhantes. Chamar a Deus como Pai implica aceitar o universo da criação como um presente de objetos ou coisas para o bem dos sujeitos ou pessoas. Só o ser humano, cada um e cada uma, são amados por Deus como um “fim em si mesmo”.

A fé cristã que chama a Deus como Pai está vinculada, pela sua própria essência, com a caridade que se manifesta pela fraternidade entre irmãos e irmãs. Desde esta prática de amor fraterno anunciamos a realidade sobrenatural da filiação divina de Jesus, encarnado na realidade filial humana do filho de Maria.

O maior problema de nossa cultura atual é o predomínio da tecnociência na transformação dos objetos instrumentais sobre o desenvolvimento da ética que exige a unidade dos conhecimentos teóricos com as práticas individuais e sociais. A legítima vitória da razão

---

<sup>2</sup> Textualmente: “Nadie tiene derecho a servirse de una persona, de usar de ella como de un medio, ni siquiera Dios su creador. De parte de Dios es, por lo demás, enteramente imposible, porque, al dotar a la persona de una naturaleza racional y libre, le ha conferido el poder de asignarse ella misma los fines de su acción, excluyendo con esto toda posibilidad de reducirla a no ser más que un instrumento ciego que sirve para los fines de otro”. (Wojtyła Karol: *Amor y Responsabilidad*. Editorial Razón y Fe, S.A. Madrid, 1978. P.21.

<sup>3</sup> Sobre o pensamento ético de Wojtyła, cf. ANTONCICH, Ricardo: *Las Encíclicas sociales de Juan Pablo II desde la fenomenología de la persona según Karol Wojtyła*. Medellín, UPB 2010.

instrumental que orienta o mundo dos meios ou objetos ultrapassa seus limites quando é aplicada às relações entre pessoas.

A tentação de usar um *“modelo único de pensamento” para entender coisas e pessoas* anula a diferença entre o ser humano e o resto da criação. As pessoas, usadas como instrumentos, perdem a sua dignidade e tornam-se meros objetos para a riqueza e poder de uns poucos. A degradação do ser humano acontece não somente nas pessoas dominadas por outras, mas nas mesmas pessoas dominadoras, que ignoram a sua dignidade de seres humanos.

Nosso esforço nestas páginas foi o de articular os problemas e destacar a urgência de que o ensino teórico da ética leve à prática moral de indivíduos e comunidades humanas. A natureza que nos foi confiada como dom e tarefa nos remete a uma vida humana na sua totalidade, como indivíduos e comunidade de pessoas. Devemos opor-nos e de forma radical, a todas as guerras que rompem com o equilíbrio humano de interesses individuais e coletivos, porque só revelam o triunfo do poder que não é sinal por si mesmo da verdade e da justiça.

**Para refletir:**

1. Reconhecemos o papel humanizador da Criação? De que modo?
2. Discorra sobre o papel da liberdade do sujeito no “cuidado” da Criação.
3. Qual a importância da relação da linguagem com a verdade?